

TITULO: Da história latente à história verdadeira: uma experiência piloto com biblioteca comunitária (http://www.geocities.com/mnpbiblio/pg_1.swf)
AUTOR: Geraldo Moreira Prado¹
RESUMEN: Análise sobre a avaliação de uma experiência de organização e estímulo à leitura e à cidadania em uma comunidade paupérrima do semi-árido do Estado da Bahia, Brasil, a partir da implantação de uma biblioteca comunitária e os seus impactos criados em uma comunidade com altíssimo índice de analfabetismo, por ser "herdeira" de uma longa duração da política coronelística brasileira, e cuja maioria da sua população jamais teve acesso a um livro

AS RAÍZES DE UMA HISTÓRIA PECULIAR

Um livro aberto é um cérebro que fala; fechado, um amigo que espera; esquecido, uma alma que perdoa, destruído, um coração que chora (Provérbio Indu).

Eis aí a narração duma curta história verdadeira — que segundo Manuel de Barros, *parece até que foi inventada*, mas não é. Ela será narrada em quatro paginas (uma introdução, quatro resumidos itens e uma pequena conclusão), descrevendo nos seus dois primeiros itens um desejo que permaneceu na imaginação do seu narrador por aproximadamente cinco décadas, mas só vai se incorporar à realidade a partir 21/11/2001. Os itens seguintes descrevem a segunda parte dessa incorporação, demonstrando a importância de ser uma experiência inédita e totalmente diferente de tudo que já aconteceu ao longo da história peculiar de um lugarejo chamado São José do Paiaia, município de Nova Soure, Estado da Bahia.

Num documento depositado na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e que faz um levantamento das espécies animais e vegetais nativas do município de Nova Soure, datado de 22/04/1759, identifica o local pelo nome de aldeia da Natuba pertencente à nação Kiriris, da qual os índios *payayá*, guerreiros e nômades, segundo o indianista Curt Niemendaju, também

¹ E-mails: gprado@dep.ibict.br e sjpaiaia@ig.com.br Historiador, Mestre e Ph.D em Ciência (Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) e Pesquisador Pleno "A"-III do CNPq e do Núcleo de Autos Estudos da Amazônia (NAEA) da Universidade Federal do Pará. Professor de Teoria do Conhecimento, Epistemologia e História da Ciência e do Pensamento Científico Geral e do Brasil no Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Ciência da Informação (IBICT/CNPq-UFRJ). Professor de História Econômica Geral e do Brasil e de Formação Econômica do Brasil no Curso de Administração da Universidade Estácio de Sá, e de Formação Histórica do Brasil, de Teoria e Metodologia da Pesquisa Científica, de Projetos e de Monografia no Curso de Relações Internacionais nesta mesma Universidade. Durante o ano letivo de 2003 fui Professor-leitor do convênio Hemispheric Institute of Performance and Politics, <http://hemi.ps.tsoa.nyu.edu> através do da UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO nepaa@unirio.br com as seguintes universidades: Argentina (NYU/Buenos Aires), Estados Unidos hemisphere@nyu.edu (New York University,

faziam parte. Nessa época, a aldeia da Natuba pertencia ao antigo município de *Itapicuru de cima*, onde se abrigavam as missões jesuíticas portuguesas, algumas delas oriundas da cidade do Soure em Portugal, o que certamente explica a origem do nome atual do referido município. Daí até os dias atuais, esse município teve os seguintes nomes: Vila de Nossa Senhora da Conceição da Natuba, Vila de Nossa Senhora da Conceição do Soure e, finalmente, a partir do início da segunda metade do século XIX, município de Nova Soure, cuja padroeira continua sendo Nossa Senhora da Conceição. A inclusão do adjetivo Nova foi devido a existência da cidade Soure, sede do município da ilha do Marajó, no Pará. No final desse século, quando da guerra de Canudos (1894-97), Nova Soure aparece em os *Sertões de Euclides da Cunha* ainda com o nome de Natuba. Em uma breve passagem do livro o autor descreve que foi aí onde se travou o primeiro embate entre os seguidores de Antônio Conselheiro com as *forças repressoras* do governo da Bahia. As gerações mais novas já não se lembram mais, mas algumas pessoas mais velhas da região narram ainda essa história, evidentemente acrescentando nela grande dose de fantasia.

Pois bem, como já foi dito acima, a partir daqui até o último item deste texto vão ser narrados pequenos episódios relacionados com a curta história peculiar da Biblioteca Comunitária Maria das Neves Prado, cujas raízes encontram-se há aproximadamente cinco décadas em estado latente, ou como devaneio da imaginação do narrador deste texto. Foi a partir daquele 21/11/2001 acima citado, que começa a transmutação daquilo que estava na imaginação do narrador desta história para a existência real da Biblioteca Comunitária Maria das Neves Prado. Isto é, torna-se verdadeira a proposta da criação da Biblioteca aqui relatada. Da mesma forma que as raízes desta biblioteca ocultam episódios importantes no imaginário do seu narrador, ocultam também a realidade de um povo que às vezes é dura como se estivesse quebrando pedra com uma marreta — como é nos tempos da seca —, mas outras vezes é alegre, como é nos anos que têm invernos. E para bem combater esse lado da história peculiar e verdadeira do Brasil — e, particularmente a do semi-árido nordestino —, defende-se aqui a tese de que é fundamental espalhar bibliotecas como esta, com bons livros, para que os milhões de brasileiros que ainda se encontram hoje em dia abaixo da linha da pobreza, o que leva às suas exclusões social e economicamente, passem gradualmente tomarem consciência dos seus direitos de cidadãos que lhes foram usurpados pela ganância da acumulação de riquezas, ação daninha” e cuja origem já vem de lá dos *nossos colonizadores*. Talvez por meio dessa estratégia, esses *excluídos* possam ter ainda uma remota possibilidades

Dartmouth College, Harvard University e Trinity College), México hemisfer@uanl.mx (Universidad Autónoma de Nuevo León) e Peru peirano@pucc.edu.pe (Pontificia Universidad Católica del Perú).

de fazerem corretamente a sua leitura do mundo, do país e de si próprios, como mostra o educar Paulo Freire em um pequeno texto sobre o ato da leitura. Somente assim esses excluídos poderão tomar consciência sobre a importância de superar a violência causada — como dizia Glauber Rocha na década de 1960 — pela *mistificação política e da ufanista mentira cultural*. Os relatórios oficiais da fome, continua Glauber, *pedem dinheiro aos países colonialistas com o fito de construir escolas sem criar professores, de construir casas sem dar trabalho, de ensinar ofício sem ensinar o trabalhador*.

O que foi dito acima serve apenas como ponto de partida do que se pretende narrar neste texto, e não como objeto exclusivo de reflexão. Também não será narrado aqui notícias sensacionalistas modernas relacionadas com invasões dos Sem-terra ou dos Sem-teto, furacões, dissidências político-partidárias ou coisas similares. Nem tampouco o que aconteceu nos séculos passados onde os movimentos messiânicos (como foi o da guerra de Canudos), dos cangaços e outros mais se fizeram presentes por quase todo o nordeste. Da mesma forma não se trata de histórias *fantásticas* narradas pela literatura de cordel, particularmente as de aventuras amorosas que alimentavam o imaginário dos seus leitores, especialmente a juventude masculina, com narrativas sobre reinos encantados ou de *super-herói* rural representado por um vaqueiro, normalmente o de maior confiança do fazendeiro. Mas devido a reciprocidade do amor alucinante entre o dito vaqueiro e a filha donzela do fazendeiro — “meninas dos seus olhos”, que a criara para casá-la com o filho de um fazendeiro rico e não com um empregado qualquer —, o enredo terminava sempre com a jovem sendo raptada pelo pretendente numa noite de lua cheia e na garupa de um potente cavalo alazão. E ela para ter certeza que o seu amado, a grande paixão da sua vida, seria capaz de morrer ou matar pelo seu amor, ao ficar grávida obrigava-o que lhe trouxesse a língua do boi Catarina, que era o de maior estimação do seu pai. A partir do próximo item serão narradas mais algumas curiosidades importantes para o leitor, e que são totalmente diferentes do que foi dito nesta introdução.

O QUE É POVOADO DE SÃO JOSÉ DO PAIAIÁ, O PORQUÊ DESSE NOME, QUAL É A SUA POPULAÇÃO E COMO É A ORGANIZAÇÃO SOCIAL-URBANA DAQUI?



A origem do nome é indígena. Se trata de uma tribo de índios guerreiros e nômades, os *Paiaíá*, exterminados, provavelmente, por Moraes Navarro, em 1698, na guerra entre os portugueses e os povos indígenas na fronteira dos estados da Bahia com o de Sergipe. Os poucos estudos históricos que existem sobre esse situa-o, às vezes, nas proximidades do rio Jaguaribe, outras vezes entre o Itapicuru e o rio Real próximos da fronteira com o Estado de Sergipe.²

Portanto, São José do Paiaíá é um pequeno povoado do município de Nova Soure, Bahia, a trezentos e vinte quilômetros de Salvador na direção de Paulo Afonso. A população daqui é de aproximadamente mil habitantes. O nosso progresso é muito lento — como é na maioria desse tipo de comunidade no interior do Brasil —, anda no ritmo dos “passos de tartaruga”. O crescimento econômico há muito tempo está praticamente paralisado, ou melhor dizendo é decrescente tendendo para o “zero”. Isto leva a migração da maioria da nossa

² Ver em PRADO, Geraldo Moreira. “INFORMAÇÃO DAS TERRAS DO BRASIL A constituição dos saberes agrários brasileiros: um fenômeno em transmutação no Estado Monárquico Português”. Tese apresentada ao Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola (CPDA) do Departamento de Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (DDAS), do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (IFHS) da UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFFRJ), como parte dos requisitos para obtenção do grau de Ph.D em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.

juventude a partir da faixa etária dos dezoito anos de idade em busca de sobrevivência ser quase que total.

Dos anos de 1970 para cá vimos assistindo incessante decadência econômica com o fechamento das poucas casas comerciais (armazéns de secos e molhados, lojas de tecidos, armarinho, farmácia, etc). Perdemos a agência dos Correios, embora tenhamos ganhado um posto telefônico que recentemente foi substituído pela rede telefônica. A feira livre que existia aos domingos e ia até à noite lotando o mercado e as duas praças ao seu redor, agora, se encerra praticamente às 09h:00 da manhã, e resume-se a um mínimo comércio de carne de dois bois e de alguns carneiros e porcos, uma banca de condimentos e uma de fumo de corda.

Temos apenas uma escola de primeiro grau fundada nos anos de 1970, um mini-posto de saúde também dessa época — mas os médicos da sede (Nova Soure) dificilmente aparecem aqui —, as igrejas (católica e evangélica), esta Associação de produtores rurais (os quais normalmente estão em crise por causa das constantes secas), duas pequenas padarias, cinco pequenos estabelecimentos comerciais, três bares, um balneário apropriado ao uso terapêutico (jorro) abandonado pela Prefeitura, luz elétrica e água encanada. No tocante ao transporte somos servidos por linhas de ônibus estaduais e interestaduais que fazem uma média de dez paradas diárias: cinco para Salvador, uma para Aracaju, uma para Caldas de Cipó, três para Paulo Afonso e uma para Recife. A diversão da comunidade está praticamente limitada à televisão, e a juventude nos finais das semanas jogam futebol num terreno baldio que vem sendo usado como campo.

AS PRINCIPAIS ATIVIDADES ECONÔMICAS DA COMUNIDADE

As principais atividades produtivas da comunidade são tipicamente *rurbanas*,³ pois se limitam a agricultura familiar (feijão, milho, mandioca), uma pequena e precária pecuária (gado, ovelha, cavalo, jumento, porcos e galinha), complementadas com as atividades comerciais urbanas referidas no item anterior. Esta situação leva, evidentemente, a uma perda quase que total da auto estima da nossa população.

MEU PRINCIPAL INTERESSE EM MANTER ESTA INICIATIVA

O meu interesse em manter esta iniciativa começou quando percebi as preocupações de um grupo de jovens, de pequenos produtores e de inúmeras pessoas local, em encontrar formas possíveis para estimular as suas auto-estimas. Assim, comecei a estimular debates, num primeiro momento sobre religiosidade, questões sócio/comunitárias e, finalmente, de como encontrar propostas alternativas voltadas à concretização de um desenvolvimento verdadeiramente sustentável. Ou seja, conforme mostra o Prof. Paul Singer⁴, tentar encontrarmos modelos estratégicos de desenvolvimento comunitários que possam concretizar, de fato e de direito, a “ressurreição da economia solidária no Brasil. Logo, as nossas discussões remetem sempre para os problemas referentes à pequena agricultura, manejo do solo, agricultura transgênica, erosão do solo, desmatamento, reflorestamento e preservação dos recursos naturais (minerais, florestais e ambientais), educação ambiental, saúde humana e animal, desemprego, geração de emprego, marginalidade, problemas das drogas e do tráfico envolvendo e "molestando" a nossa juventude. Acreditamos, portanto, que as nossas discussões podem conduzir à uma constante aproximação de uma ação real que visa alcançar um modelo de cientificamente desenvolvimento sustentável que possa contribuir para a promoção da dignidade humana, porque é ela que nos inspira para buscar a satisfação das necessidades do presente de maneira compatível com as gerações futuras.

E assim, o nosso objetivo principal é procurar criar um clima e um ambiente saudável em nossa comunidade para discutimos sobre tudo aquilo que está acontecendo no mundo moderno, claro que tendo a biblioteca como o principal centro para essas finalidades. Fica claro, portanto, que a melhor alternativa para minimizar os problemas arrolados anteriormente, é a participação ativa direta ou mesmo indireta de toda a comunidade e das demais pessoas físicas e jurídicas comprometidas com tais princípios.

Mas para que isto aconteça é fundamental a comunidade lutar para construir alguns instrumentos concretos tais como, por exemplo, um telecentro de informação integrado a uma biblioteca com acervo básico de livros, revistas, recortes de jornais e demais instrumentos e meios de informação, como a biblioteca que já foi iniciada aqui.⁵ Iniciativa desta natureza

³ O conceito *rurbano* significa: “organização sócio-cultural da produção econômica e do trabalho em atividades agrícolas desenvolvidas nas periferias dos grandes e médios centros urbanos, e nos pequenos e médios centros urbanos que vivem em função da agricultura e de um pequeno comércio varejista”.

⁴ SINGER, Paul. *A recente ressurreição da economia solidária no Brasil* (pp. 81-129). In: SANTOS, Boaventura de Souza (org). *Produzir para Viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 517p.

⁵ Esta biblioteca visa facilitar a divulgação e a democratização da informação, da comunicação, da educação e da cultura e de todos os aspectos referentes à importância da promoção de desenvolvimento comunitário, em

visa implementar definitivamente entre nós, não apenas a democratização da informática, mas a construção de uma verdadeira cidadania cuja essência está na ênfase à educação formal e informal, geração de emprego e renda, produção e divulgação cultural e esportiva enfim, de tudo aquilo que é necessário ao desenvolvimento orgânico das faculdades cognitivas do ser humano.

A IMPORTÂNCIA DE UMA BIBLIOTECA PARA A COMUNIDADE?

Segundo mostra Paulo Freire, *o problema que se coloca não é o da leitura da palavra mas o de uma leitura do mundo, que sempre precede a leitura da palavra. Se antes raramente os grupos populares eram estimulados a escrever seus textos, agora é fundamental fazê-lo, desde o começo mesmo da alfabetização, se vá tentando a formação do que poderá vir a ser uma pequena biblioteca popular com a inclusão de páginas escritas pelos próprios educandos.*⁶

De acordo com a afirmação acima, espera--se que esta biblioteca seja muitíssimo importante para a nossa comunidade cultivar a sua memória cultural que há muito tempo vem sendo destruída pela *perversidade* natural da modernidade. Por isto, pode-se afirmar com muita segurança do que se está dizendo, que nesses primeiros oito meses de funcionamento a biblioteca já provocou mudanças significativas aqui, pois, incessantemente está criando o hábito da leitura à nossa juventude, professores e pessoas da comunidade sobre os mais diferentes assuntos da cultura humana. Tanto a comunidade como a direção desta biblioteca estão orgulhosas desta significativa experiência, porque já estamos tendo uma freqüência de uma média de 30 (trinta) leitores diários, incluindo os de outras comunidades vizinhas.

Têm alguns exemplos de iniciativas que merecem atenção e respeito. Entre várias, destacamos as mais relevantes: a) a realização da primeira pesquisa feita por iniciativa local com aplicação de um questionário para saber da comunidade quais são os problemas mais urgentes que devem ser solucionados; b) a preparação de um seminário sobre o problema da seca, irrigação, manejo da caatinga e busca de alternativas para geração de renda mínima

especial nas áreas mais carentes do Brasil. Mesmo tendo uma rede telefônica instalada, não temos ainda —, embora os governos federal e estadual venham divulgando que vai instalar —, um serviço de Internet em funcionamento, o que seria fundamental para ajudar à eliminação do *analfabetismo digital* que no Brasil ainda é muito grande, e em nossa comunidade é total. O acervo (que será descrito mais adiante), já está disponível à todas as pessoas, tanto daqui quanto as de fora, principalmente à juventude que está cursando o primeiro grau na nossa comunidade e o segundo na sede do município (Nova Soure).

⁶ FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler.. Em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2001. P. 30 (Coleção Questões da nossa época).

previsto para fevereiro de 2003; c) a formação de grupos de teatro com peças que irão entrar em cartaz (“A burrinha que era boa” de Ana Maria Machado e “O debate de Lampião com o Diabo”, adaptação do grupo e d) visto que a população é de baixíssima renda, além de não ter preparatórios ao vestibular — e mesmo se tivesse os jovens daqui não têm condições de pagar as mensalidades —, atualmente um grupo de jovens (por enquanto 18) de ambos os sexos, se organizaram e estão estudando para se preparar para o vestibular. As reuniões estão sendo todas as noites e aos sábados no auditório do Colégio Municipal utilizando material didático da biblioteca. Antes da existência desta biblioteca nada disto acontecia aqui, pois não existia esta facilidade porque as escolas (tanto a daqui quanto as das vizinhanças), até hoje não têm bibliotecas suficientemente organizadas, mas apenas pequenas salas de leitura.

Em qualquer parte do mundo e em diferentes momentos históricos, a criação de uma biblioteca se caracteriza como um centro das fontes para se obter informação em qualquer ramo do conhecimento. Atualmente, com o avanço da Internet, começa a surgir novas modalidades de bibliotecas que são as bibliotecas virtuais. Essa nova modalidade não vem para acabar com as tradicionais bibliotecas convencionais (depósitos de livros e demais impressos em papel), ao contrário, essa nova modalidade vem demonstrando que o seu papel não é de substituição mas sim de dinamização das bibliotecas convencionais. Se atualmente no Brasil as bibliotecas convencionais ainda são privilégios de grandes e alguns médios centros urbanos, que dirá das virtuais! Essas, apesar de dispor de potencial para atender a totalidade da sociedade brasileira, o que seria uma vitória da democratização da informação, ainda se limitam a uma “meia dúzia” de instituições que desenvolvem moderníssimas pesquisas científicas. O poder público e setores comerciais de serviços de informação, disponibilizam à sociedade um discurso que deixa transparecer que o Brasil é o paraíso da disseminação da informação. se for tomar esse discurso ao “pé da letra”, se vê que está mais para marketing do que para a democratização da informação. Se tomarmos também a política de difusão de bibliotecas públicas subordinadas à Biblioteca Nacional, ou mesmo os aproximadamente 8 (oito) mil projetos de bibliotecas comunitárias selecionadas pelo FUST do Ministério das Comunicações em 2002, sendo que nenhum deles foi financeiramente contemplado, e até o presente momento não se tem a mínima informação para onde foi essa verba. Isto pode ser mais um indicador que biblioteca, tanto para o poder público como para o setor comercial brasileiros, não tem lá a grande importância que aparece no nível discursivo. Contudo, apesar desses problemas e dos altos custos dos livros e demais materiais para se implementar uma pequena biblioteca em áreas ainda carentes como a nossa, têm aspectos gratificantes que é, por um lado, o interesse da população em acessar informação e, por

outro, o despertar o interesse pela leitura, não apenas da população jovem, mas até de pessoas que já estão na chamada “terceira idade”. Por isto que defendemos que é necessário o poder público criar bibliotecas em todas as comunidades espalhadas pelo vasto território nacional, visto que elas (bibliotecas) tem a missão de continuarem prestando serviços vitais de informação, inovação e inspiração para seus usuários, cujo espaço sirva de local aberto à participação democrática onde possa se discutir as mudanças sem contudo apagar os laços de competência com o passado.

Nesta perspectiva acima descrita, a biblioteca foi criada para ser um espaço aberto à participação democrática não apenas aos membros da nossa comunidade, mas a todas pessoas comprometidas com a consolidação da cidadania no país. Por isto, esta biblioteca não tem nenhum vínculo, nem tampouco restrição à qualquer tendência política, ideológica e/ou religiosa, o que lhe assegura o direito de proibir — conforme está definido no seu Estatuto —, a quem quer que seja de utilizá-la em benefícios próprios. O seu acervo (que será descrito mais adiante) é muito rico e diversificado podendo ser usado até mesmo para pesquisas universitárias em níveis de mestrado e doutorado. Somente na parte de papel já se aproxima dos 30.000 (trinta mil) títulos. Este acervo é, com certeza, o maior e mais completo das bibliotecas e centros de informação/documentação do estado da Bahia ou até mesmo do Brasil — com uma média de 30 títulos por habitante — existentes em comunidades com as características da nossa.

Mesmo com este acervo que será disponibilizado ao público em julho futuro, não se pretende parar por aqui mas sim continuar somando esforços para que o seu crescimento seja permanente, portanto, ilimitado, porque se assim for esse acervo estará sempre se atualizando progressivamente. A curto e médio prazo temos alguns objetivos prioritários e imediatos, dos quais destacamos:

a) realização eventos (o primeiro será em julho de 2003) sobre a seca, uso e manejo do solo e da água, estratégias para organização da pequena produção agropecuária e agroecológica local, educação, saúde, infância e juventude, relação social do trabalho, gêneros etc;

b) conseguir **parcerias** para a aquisição de veículos para que, semanalmente, que se possa disponibilizar a parte do acervo referente ao ensino do primeiro e segundo graus às inúmeras escolas das comunidades vizinhas;

c) viabilizar a criação e execução do projeto de geração de renda mínima (a partir da execução do modelo elaborado pelo Senador Suplicy), a em arte/desenvolvimento de habilidades sensorial-motoras através da instalação do pólo diversificado de artesanato composto de

micro-incubadoras de oficinas-escola e um centro comunitário de produção/comercialização artesanal;

d) ressaltando a importância que tem a informação na sociedade contemporânea, procuraremos somar esforços e procurar parcerias para viabilizar a instalação e o funcionamento de um telecentro de Informação/comunicação. Esse telecentro visa, entre muitas outras coisas oferecer **cursos à distância** via Internet sobre aperfeiçoamento didático-pedagógico para todas as disciplinas do ensino de primeiro e segundo graus, técnicas agrícolas, atividades artesanais, etc. Ele funcionará como o primeiro Núcleo multiplicador de atividades dessas naturezas situado em pequenas comunidades do semi-árido brasileiro, pois elas são fundamentais para a democratização da informática e da erradicação do *analfabetismo em geral*. Por isto, esse Núcleo deve se conectar com outros existentes — ou que ainda venham a ser criados —, via Internet, e assim reproduzir essa e as demais experiências similares às comunidades como essa que ainda são inúmeras no Brasil;

e) viabilizar parcerias para organização/instalação e funcionamento de mini-laboratórios pedagógicos de iniciação à ciência, arte, cultura, agroecologia, desenvolvimento sustentável e linguagem. A implantação desses mini-laboratórios tem como objetivo principal apoiar o ensino de primeiro e segundo graus da região;

f) organizar um projeto visando criar melhores condições de sociabilização da população da 3ª idade, com atenção mais humanitária para essa faixa etária que vive em condições talvez piores do que as das crianças e adolescentes;

g) mobilizar a população local, em especial a jovem, para criar um centro de memória/informação sobre a comunidade, o município, a região, o estado e o país, cujo objetivo é contribuir para que as gerações futuras possam formar as suas identidades culturais;

h) mobilizar a população local, em especial a jovem, para sensibilizar o poder municipal, estadual e federal no sentido de conseguir parcerias para a construção de uma quadra de esportes, creche, horta de hortaliças e plantas medicinais, etc.

i) como a informação em qualquer atividade social sem fim lucrativo é pública, pretende-se aqui organizar um modelo de sistema de informação sobre os temas aqui discutidos e colocá-lo na Internet para que o maior número possível de cidadãos tome conhecimento do que está sendo feito. Todo e qualquer trabalho sem fins lucrativos, de interesse público, tem que ter transparência nas informações, por exemplo, informar a origem dos recursos.

k) discutir a criação e a institucionalização de bibliotecas em outras *mini-comunidades*⁷ (ou distritos administrativos) rurais e urbanas para funcionarem como espaços de intercâmbios sistemáticos e participativos de reflexões teórico-conceituais. Visando uma perfeita atuação dessas bibliotecas, elas deverão funcionar como um espaços para de elaboração de propostas de programas e/ou projetos especiais sobre o desenvolvimento solidamente sustentável, e integradas a um programa dinâmico de atividades pedagógico-culturais. Tais atividades são essenciais também ao estímulo do desenvolvimento orgânico de habilidades sensorial-motoras e vocacionais para formação técnica e profissional (agricultura, ambientalismo e atividades afins, artes manuais etc) para as suas juventudes, já no primeiro e segundo graus.

despertar o interesse da comunidade em desenvolver e modernizar a agricultura familiar e a criação de pequenos animais domésticos, em particular as galinhas caipiras que hoje têm um grande procura no mercado nacional e internacional.

Ações dessa natureza devem-se realizar através de mecanismos flexíveis, principalmente em relação à parceria com instituições brasileiras de ensino superior e com as de fomento ao desenvolvimento comunitário e/ou regional. Isto fortalece o objetivo de se formar uma cultura de redes interativas de informação e de comunicação entre as comunidades e as organizações públicas e privadas, grupos acadêmicos e/ou científicos de diferentes ambientes profissionais.

QUEM FREQUENTA

A maioria da freqüência é, naturalmente, da população local (urbana e rural, principalmente dos alunos do primeiro e segundo graus), mas também vem recebendo incessantemente visitantes e estudantes (inclusive de nível superior) de outros distritos, municípios e até mesmo de estados vizinhos (Sergipe e Pernambuco).

COMO É COMPOSTO O ACERVO DESTA BIBLIOTECA

Ele é composto de coleções completas para o ensino do primeiro, segundo e terceiro graus e de obras clássicas da maioria das áreas do conhecimento científico, matemática, física, química, engenharia, saúde, ciências humanas e sociais básicas e aplicadas tais como

⁷ A definição de *mini-comunidades* se refere aos pequenos distritos administrativos (ou bairros rurais) situados no meio rural de vários municípios brasileiros, cujas atividades produtivas são as mesmas descritas no item 2 deste boletim. A maioria dessas mini-comunidades já têm algum tipo de organizações comunitárias atuando, tais como

educação, arte e cultura, economia, português, inglês, francês e espanhol, história, geografia, literatura em geral, ecologia e meio ambiente.

Tem-se ainda a assinatura semanais e mensais de 38 revistas científicas, culturais, de artes manuais, culinárias etc. Atualmente poucas são as bibliotecas públicas estaduais ou mesmo as de muitos centros universitários que fazem esta quantidade de assinaturas. Existem ainda inúmeras pastas com recortes de jornais e revistas nacionais e estrangeiros, com destaque para os Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, o Globo, Gazeta Mercantil, Valor Econômico, Diário de Pernambuco, A Tarde (Salvador), Veja, Isto É, Carta Capital, Times, New York Times, Le Monde Diplomatique, Paris Match, Libération e Le Esprit (Paris), El Pays (Espanha) e muitos outros mais sobre os mais diferentes assuntos, especialmente sobre a problemática da seca nordestina.

LEMBRANÇAS/MEMÓRIAS

Esta breve história tem a fragilidade do pássaro *tiziu* que quando canta dá um salto vertical para retornar ao lugar onde estava. E esta, como todas as demais histórias que *se as cortam em fatias, é uma história simples* (M. de Assis, 1924: 420). E a simplicidade desta, refere-se à uma experiência inovadora e que está em processo de desenvolvimento no distrito de São José do Paiaíá, município de Nova Soure, Estado da Bahia.

Esta biblioteca foi idealizada pelo narrador deste texto (funcionário público federal e como toda a categoria já passa dos oito anos sem aumento de salário), que assume, até o presente momento, o ônus quase que total com o patrimônio e demais despesas de infraestrutura e de transportes – tanto na cidade do Rio de Janeiro para recolher as doações, quanto no envio à biblioteca (exceto o do segundo acervo feito gratuitamente em julho de 2003 pela Viação Itapemirim) e de algumas doações e colaborações — além do salário do coordenar que, sejamos justos, vem desenvolvendo com sucesso excelente trabalho na biblioteca junto à comunidade.

O QUE SABER SOBRE ESTA BIBLIOTECA

O que o leitor vai saber daqui para frente são duas maneiras simples e resumidas, porém importantes de abordagens sobre a história *submersa* desta biblioteca. A primeira abordagem referente as suas *raízes ocultas* datam da década de 1950. A despeito de ter características mais alegóricas, mantém-se original e se refere a dois livros usados na Escola

associações de moradores, grupos de jovens e outras similares espalhadas pelos grandes e médios centros urbanos brasileiros.

Rural de São José do Paiaí na época em que lá estudou o narrador deste texto. Já a Segunda abordagem, embora não seja tão alegórica como a primeira, é concreto e mexe diretamente com a emoção das pessoas sensíveis à educação e à cidadania.

E reforçando o que já foi dito acima, essas raízes começaram a dar os seus primeiros *sopros de vida* a partir da segunda metade da década de 1990. No entanto, considera-se o início real da fase atual, na reunião acima citada de 21/07/2001. A partir daí, a expectativa é de que este empreendimento assegure um ritmo cada vez mais dinâmico e rigoroso na busca da sua perfeição.

A PRIMEIRA ABORDAGEM

A primeira abordagem recupera algumas lembranças do que significaria uma biblioteca na imaginação da população deste município no início das décadas de 1950, o que revela ser completamente ignorada tanto para a local quanto para a redondeza. De forma semelhante, era também a idéia de Brasil, “Nação” potente naquela década de euforia desenvolvimentista, cujo discurso já se fazia presente há mais de quatro décadas em livros como, por exemplo, “Porque me ufano do meu país”, do conde Afonso Celso.

Esse livro era lido pela professora Justina (in memoriam) na classe única da Escola Rural do Paiaí para todos os alunos, do ABC ao quinto ano primário. Com a sua substituição pela professora Maria Ivete Dias (posteriormente Sangalo, in memoriam), entra também no universo da nossa aprendizagem o livro “Através do Brasil” de Manuel Bonfim e Olcavo Bilac, disputado por alguns alunos com tapas, murros e beliscões.

Essa disputa era mais pela curiosidade que o título despertava às nossas imaginações se alimentando com o estigma de sermos sempre os *eternos retirantes*, do que pelo interesse da leitura como finalidade de aquisição de cultura e/ou de cidadania, porque essas coisas por lá, naquela época, eram totalmente desconhecidas e/ou ignoradas. E é por isso que essa Escola hoje totalmente desaparecida — restando ainda alguma nostalgia nas memórias de quem lá estudou e os poucos alicerces cobertos de mato que continuam resistindo a corrosão do tempo —, faz parte também da origem peculiar desta biblioteca.

A SEGUNDA ABORDAGEM

Este segundo item guarda especialmente uma parte das lembranças dos meus verdes anos vividos em São José do Paiaí. Naqueles tempos não tínhamos ainda nenhum tipo de energia elétrica (a iluminação somente nas casas era feita com candeeiro a querosene), nem

rádio (ou como dizia Luiz Gonzaga em sua música *Riacho do Navio*), nem notícias das terras civilizadas. Jornal (ainda hoje não circula por lá), só quando chegava embrulhando algum tipo de mercadorias. Tínhamos, e muito mais do que hoje — mas lamentavelmente continuamos tendo —, falta de alimentos, água (sobretudo para plantar), saúde, escola e, principalmente livros. A existência física de biblioteca era completamente ignorada pela totalidade da população de São José do Paiaí (e de toda a sua mediação, inclusive a sede do município). Também a sua definição semântica dependia da capacidade cognitiva de cada aluno — ou daquele felizardo que teve a sorte de freqüentar a escola primária, porque não era prá qualquer um — apreendê-la da leitura dos vocabulários do *livro de leitura* que a professora obrigava decorá-lo. Mesmo assim, para as crianças e adolescentes de São José do Paiaí daquela época (espera-se que as atuais já tenham uma concepção diferente), até mesmo as definições semânticas ninguém fazia a mínima idéia do que significavam.

Dado o elevadíssimo grau de analfabetismo existente no meio rural do sertão nordestino ainda nos dias de hoje, mas principalmente há cinco décadas atrás (salvo raras exceções), freqüentar a escola para a maioria absoluta da população não tinha a menor importância. Nas conversas informais entre os adultos homens — porque a mulher era proibida de participar das suas rodas de conversas e proibida de dar palpites —, era comum dizerem que nasceram e cresceram sabendo tudo, porque saber não ocupa espaço. Jamais freqüentaram uma sala de aula e frisavam que a sua “caneta era a enxada, o caderno a roça cheia de mato para carpir, o livro a natureza onde se aprendia as lições da vida, pois essa era a verdadeira escola onde se ensinava as melhores lições. Isto era o que bastava para o homem da roça viver sem precisar se preocupar com mais nada. Também para a mulher, a aprendizagem era tão natural quanto a do homem. A mulher, além de ser responsável por toda a vida doméstica do “lar”, servia para o *prazer sexual* (se que sentia!), e para trabalhar no ciscar do terreno para o plantio, e no semear do feijão e do milho, na arranca do feijão e na quebra e despalha do milho no ano que Deus se lembrava (porque estava sempre se esquecendo de lá, diziam aqueles mais descrentes, mesmo correndo o risco de estarem cometendo pecado), de mandar chuvas para o sertão. E assim, a sofreguidão por tudo era grande, à exceção da moradia precária e do duro trabalho na roça no meio do sol escaldante e na esperança da chuva do mês de março, porque esse é (como diz o cordelista Patativa de Assaré), *o mês preferido/Do santo querido/senhor São José./Mas nada de chuva! tá tudo sem jeito, Lhe foge do peito/O resto da fé.*

A realidade dali era totalmente oposta àquela apresentada pela professora, pelas cartilhas e pelos livros de leituras descrevendo um “novo e grande” Brasil. Esse também era

representado visualmente pelo um velho mapa corroído, exposto entre o quadro negro e a mesa da professora Justina (in memoriam). Com a *retidão de caráter* que lhe era peculiar, a professora explicava a todos os alunos — desde os que estavam no ABC até o quinto ano primário (porque a escola era de classe única) —, quão belo e rico em tudo, principalmente no solo (sic), era *o nosso grande país, gigante adormecido e que precisaria ser despertado*, pois “tudo que se planta dá”. Reforçava a sua consciência nacionalista com a leitura de um fragmento de *Porque me ufano do meu país*, do conde Afonso Celso, que dizia mais ou menos assim: *os estudiosos* (quando ela pronunciava esta palavra alguns alunos ficavam com medo, porque pensavam que ela estivesse cobrando as suas lições) *consideram nação rica a que possui grandes utilidades. O Brasil possui-as todas*. E como passava-se o tempo e só conseguíamos ver a miséria crescente, a solução era tentar (parafrazeando Patativa do Assaré), *vender o burro, o jegue, o cavalo, as galinhas e até mesmo a rocinha* e, enfrentar uma viagem de 12 dias num caminhão de transporte de passageiros (que na época passou a se chamar de “pau-de-arara”) rodando sobre uma estrada de cascalho com destino ao Rio de Janeiro, São Paulo onde se concentrava o Parque Industrial brasileiro, ou para Brasília que naquele momento ainda em construção. Aí estaria o nosso *futuro*, nossa esperança de encontrar nesses lugares as *facilidades* e as *felicidades daquele país gigante* exaltado pela simpática professora, a partir da leitura do texto *ufanist*, do referido conde, ou então “viver ou morrer” na solidão da miséria provocada pelas constantes secas da região.

A citação que a professora fazia do conde era tirado o único livro que disponível na escola. Era uma antologia de textos (que não me recordo o nome do autor), que tinha *Oração aos Moços* de Ruy Barbosa, os poemas *Oração à Bandeira* de Olavo Bilac, os *Escravos*, *Ode a Dois de Julho* e *Cachoeira de Paulo Afonso* de Castro Alves, *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias, fragmentos do livro *Porque me ufano do meu país*, do Conde Afonso Celso e mais vários outros textos. A professora Justina ao ser transferida para a cidade de Inhambupe (Ba), deixou essa antologia com a sua substituta, a iniciante e aplicadíssima professora Maria Ivete Dias (posteriormente Sangalo, in memoriam). Além dessa antologia a professora Maria Ivete usava também o livro sobre práticas da língua portuguesa intitulado ‘Através do Brasil’ de Manuel Bonfim e Olcavo Bilac. Esse livro era disputado com tapas e beliscões por alguns alunos da Escola Rural do Paiaíá, mais pela curiosidade do título do que pelo interesse da leitura. No dia da minha formatura do primário, fui escolhido pela professora para declamar os poemas *Essa Nega Fulô*, *Oração à Bandeira*, *Ode a Dois de Julho* e *Juca Pirama*, e ler *Oração aos Moços* e um fragmento de *Porque me ufano do meu país*.

Essa festa foi realizada sob a supervisão dura, mas afável, do Sr. Joaquim de Quiabinho, que embora analfabeto exercia o cargo de Inspetor de Educação. No final da apresentação o declamador foi aplaudidíssimo pelo público e agraciado pelo Sr. Joaquim de Quiabinho com uma penca de banana ouro, duas mangas espadas e algumas espigas de milho verde, e pela Professora Ivete com o livro *Através do Brasil*. o Sr, Joaquim ainda fez um breve discurso dizendo que a educação (sic) *era o dote mais importante que um pai pobre poderia deixar para o seu filho, porque com o saber ler e escreve além de não ocupar lugar, a pessoa também nunca teria dificuldade de encontrar emprego*. Por isto, essa escola faz parte também da origem histórica peculiar desta biblioteca. Mas lamentavelmente dela só restam apenas, além da nostalgia nas memórias de quem lá estudou, alguns vestígios de parte do seu alicerce que resiste à corrosão do tempo.

MOMENTO DA FUNDAÇÃO PRIPRIAMENTE DA BIBLIOTECA

O presente item guarda uma relação intrínseca como o que acaba de ser narrado no item anterior, dada a sua suprema importância no contexto desta história, porque é o que vai descrever um dos momentos mais importantes dessa Biblioteca foi a referida reunião de 21/07/2001. Nessa reunião a maioria dos participantes aplaudiram com entusiasmo a iniciativa, mas uma minoria continuava duvidando que fosse dar certo. Haviam ainda aqueles “espíritos mais pragmáticos e *desenvolvimentistas*” que embora não fossem totalmente contra ou pessimistas, achavam e opinavam que em vez de uma biblioteca — que não traz nenhum tostão de retorno para a comunidade —, melhor seria construir uma fábrica para gerar empregos no local, evitando assim aquelas “eternas tristes partidas”, sobretudo da juventude. Ninguém pode negar que a instalação de uma fábrica seria muito importante, porque criaria empregos e evitaria aquela situação que o narrador deste texto sofreu na própria pele. Sonhava em estudar para ser doutor, mas teve, por falta de escola e de recursos financeiros, pois já era órfão e teria (embora não tivesse nenhuma vocação para isto) de trabalhar na roça com os seus irmãos e a sua velha mãe. Essa, o máximo que poderia dispor era fazer com que os seus filhos estudassem pelo menos o primário, que era que tinha mais facilidade lá naquela época (hoje já tem o primeiro grau e na sede do município o segundo grau), pois para fazer o antigo ginásial e colegial (porque universidade nem se quer sabia o que era isto) só seria possível em Alagoinhas. Mas como conseguir dinheiro para pagar as despesas?

Portanto, se existisse ali uma fábrica ou coisa semelhante para gerar emprego, não resta dúvida que seria o ideal. Só que esse “espírito pragmático” não consegue perceber que

isto é um compromisso do Estado brasileiro e não do idealizador desta Biblioteca. O Estado, quando é democrático, como se dizia ser o brasileiro na década de 1950, é que teria como compromisso ético de assumir na prática (e não no discurso) uma política desenvolvimento comunitário e o bem-estar dos seus cidadãos, tanto no campo da geração de emprego quanto no do desenvolvimento das habilidades cognitivas com a criação de escolas e bibliotecas. Se realmente isto tivesse sido feito há cinquenta anos passados, cujo discurso dominante era o do “nacional desenvolvimentismo” — só que à moda dos interesses das elites dominantes e do capital internacional, e não voltado para um orgânico e verdadeiro desenvolvimento nacional —, a situação da imensidão de pessoas e famílias nordestinas (principalmente as do interior, como as muitas que saíram de São José do Piauí), que migraram para as outras regiões do Brasil, teria sido totalmente diferente do que foi, ficando (citando mais uma vez o mesmo Patativa de Assaré): *Do mundo afastado sofrendo desprezo./Ali vivendo presa,/Devendo ao patrão./O tempo rolando, vai dia e vem dia/E aquela família/Não volta mais não.*

DIFICULDADES E TENTATIVAS FRUSTRADAS

Uma das *tradições* do Estado brasileiro é está constatemente formulando políticas *salvacionistas* para o país. Muitas delas já foram feitas no passado, algumas continuam no presente e certamente muitas outras virão ainda no futuro. Todas elas não deixam de reconhecer os problemas da pobreza e do analfabetismo no país, mas também o “empenho do Estado para superá-los”. E dentro desse cenário, em 2001 o Governo Federal (Ministério da Comunicação), *inventa* mais uma dessas medidas salvacionista: O FUNDO DE UNIVERSALIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE TELECOMUNICAÇÕES (FUST. O FUST, criado pela Lei N°. 9.998, de 17/09/2000. O FUST funcionava sob a coordenação do Programa Interministerial Sociedade da Informação (Socinfo), site:www.socinfo.org.br fust/bibliotecas do terceiro setor, programa também criado pelo Governo Federal no início de 2001. A proposta da Socinfo era utilizar os recursos dos FUST — correspondente a 1% do valor dos serviços da telefonia celular no Brasil —, para instalar em todo o país aproximadamente 12 mil telecentros em pequenas comunidades. Esses telecentros seriam conectados à Internet e acoplados a mini-bibliotecas com kits de mais ou menos 400 livros, cujo objetivo era (sic) facilitar a divulgação e a democratização da informação, da comunicação, da educação e da cultura. Se isto realmente tivesse sido feito, teria sido fundamental para a eliminação do *analfabetismo digital* que no Brasil ainda é muito grande, e no interior do nordeste é praticamente total.

A prioridade *número um* da Lei (sic), seria mesmo implementar o *Programa de Bibliotecas de Entidades Públicas Federais, Estaduais, Municipais, de Centro de Difusão Cultural e Científica e de Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público*, em todo o País, para facilitar (sic) a divulgação e a *democratização* (sic) da informação, da comunicação, da educação e da cultura no país. 50% dos recursos financeiros desse programa seriam destinados ao aperfeiçoamento das bibliotecas e centros de informação da rede pública (federal, estadual e municipal), e os outros 50% à implantação de bibliotecas das Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, sob a gestão do Programa Socinfo do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Acreditando nesse discurso, logo depois da reunião acima citada, elaborei um projeto e encaminhei-o ao FUST, para ser analisado e, se aprovado (como o foi e se encontrar registrado sob o n°. BA5500/BA0186-1) certamente seria incluído na sua programação. Como o FUST se calou, fui em busca de uma explicação sobre esse silêncio, mas nunca tive uma resposta oficial, acreditando ser de natureza política por se tratar de mudanças de governo em 2002, certamente mudaria alguns critérios operacionais, mas não a omissão geral sobre o assunto. Diante dito, resolvi fazer um levantamento preliminar em maio de 2004, para ver se ainda havia ou há alguma intenção do Governo Federal em retomar esse Programa. Fiz uma busca sobre o assunto na Internet, cuja metodologia dava uma margem de erro de 2% para mais ou para menos, por isto não posso garantir que o resultado seja 100% exato. Mesmo assim, demonstro que tanto o projetos das bibliotecas públicas quanto os das bibliotecas do terceiro setor se encontram ainda em *estado latente*.

No Caderno Programa de Domingo do Jornal do Brasil, em 30/05/2004, p. 46, tem uma matéria que faz o seguinte alerta: “Falta ainda a Internet. Escolas públicas convivem com a exclusão digital”. A reportagem diz que a arrecadação de 1% da tarifa da telefonia celular já “rendeu ao governo R\$ 3 bilhões. Esse dinheiro está integralmente adormecido no Ministério da Fazenda. Parte do governo, como a pasta das Telecomunicações, defende a aplicação desses recursos do FUST para ajudar o país a entrar na era da TV digital, também uma ferramenta de informação e educação, porque os telepectadores, isto é, os alunos, teriam voz ativa na escolha do que querem ver, a que horas e onde”.

Lamentavelmente esta é uma característica histórica da maioria absoluta das sociedade latino-americanas. Lamentável também é perceber que até o presente momento o atual governo brasileiro que tanta esperança de mudança prometia ao país, nada fez para minimizar tal situação. Se realmente a política do FUST viesse a se concretizar seria fundamental, pois teria perspectiva da sociedade brasileira ver eliminado num médio espaço de tempo o

analfabetismo digital no Brasil, segundo se pode apurar em vários estudos sobre o assunto, ainda é de mais de 80%, e no interior do nordeste é de aproximadamente 99,94% da população (ver pesquisa do Comitê para a Democratização da Informática (março, 2004). E para solucionar esta situação, não há outra alternativa senão cobrar sistematicamente do governo brasileiro urgência para espalhar por todo o país projetos de bibliotecas como esta, para os mais de 30 milhões de brasileiros que se encontram ainda hoje em dia excluídos e abaixo da linha da pobreza, possam tomar o mínimo de consciência dos seus direitos de cidadãos que lhes foram usurpados pela ganância natural da acumulação de riquezas herdada dos nossos colonizadores.

Quando a própria realidade demonstrou que o projeto do Fust (e por tabela o da Socinfo) tinha sido um grande *blefe* eleitoral, embora sendo funcionário público federal, resolvi assumir sozinho o comando do projeto. As despesas vão desde a constituição do seu acervo bibliográfico que já se aproxima dos 30 mil títulos variados de livros, revistas, cds, fitas cassetes etc — sendo que mais de 70% é parte da minha biblioteca pessoal e das doações, principalmente de livros didáticos —, até os principais ônus da biblioteca, tais como: a) cessão e manutenção do imóvel, b) despesas com o transportes do primeiro acervo⁸, c) fretes na cidade do Rio de Janeiro com o recolhimento de livros doados, d) assinatura de 43 revistas, e) salário do coordenador e f) todas as demais despesas de manutenção.

À GUIA DE CONCLUSÃO: CONFIANÇA NA MUDANÇA

Foi com o compromisso de dar alguma contribuição para minimizar situações similares as acima descritas, que esta biblioteca nasceu e, com certeza se concretizará como mais uma forma de lutar pela superação dessa cultura da fome e da miséria endêmicas, não alimentando com esmolas a comunidade de São José do Paiaí e das demais que compartilham com esses mesmo objetivo. Se tivesse proposto instalar a fábrica reivindicada por aquele espírito pragmático citado anteriormente, não teria as mínimas condições de realizar, tanto por incompetência técnico-administrativa, quanto comercialmente, porque essa não é a vocação deste narrador. Mas a biblioteca até aqui está, aos “troncos e barrancos” funcionando regularmente e recebendo, às vezes, ainda pequenas críticas, mas na opinião da maioria das pessoas — tanto as locais como as de fora que a conhecem — não poupam de

⁸ O acervo foi integralmente constituído no Rio de Janeiro e transportado para lá. A primeira carga, no valor de R\$ 2.700,00 (dois mil e setecentos reais) foi paga por mim, e a Segunda, de quase nove toneladas, foi feita gratuitamente pela Viação Itapemirim

elogiá-la. Isto faz com que o apoio a cada dia que passa venha aumentando, pois, certamente a maioria absolutas dessas pessoas endossam tanto a crítica ferrenha de Glauber sobre a Cultura da Fome acima citada, quanto a feliz definição de Monteiro Lobato feita alguns decênios antes de 1950 — e que atualmente voltou a se repetir na mídia de um modo geral —, de que *uma Nação é feita de homens e livros*.

REMATE

Mesmo com o sucesso alcançado nesse curto tempo de funcionamento, a pequena utopia deste narrador só se realizará totalmente, no momento em que a atuação desta biblioteca se firmar como uma experiência inédita na luta pela superação da cultura da fome e da miséria endêmicas. Essa cultura só tem reforçado a permanência de uma histórica *mentalidade hipócrita* das nossas elites, cujas práticas foram sempre as de orgulhosamente justificarem que ajudam às comunidades carentes ofertando algumas migalhas que sobraram das suas *fartas mesas*.

Mas contrário a essa mentalidade que infelizmente ainda existe no Brasil, a maioria das pessoas que conhecem direto ou indiretamente esta biblioteca não poupam de elogiar esta pequena utopia, o que dá uma enorme alegria, porque elogios são espécies de seivas que fazem penetrar na nossa consciência uma grande força moral.

Dexei ainda para fechar este remate, alguns dos aspectos enriquecedores desta experiência. Trata-se da ação de um jovem adolescente (José Arivaldo Moreira Prado) ou menino, como se diz no sertão. Esse jovem no final da década de 1990, ainda de menor idade, trabalhava para conseguir manter os seu sustento mas não sobrava dinheiro para comprar, pelo menos, algum dos livros indicados pelo(s) professor(es). Ao passar em frente ao Colégio onde estudava, viu livros jogados no lixo da calçada e s leva para casa começando assim a formar a sua mini-biblioteca particular.

Esses livros passaram a ser usados por ele próprio, pelos seus irmãos e por seus colegas que gostavam de estudar (inclusive para o vestibular, no que resultou na aprovação de um deles, em 2002, na Universidade Federal da Bahia-UFBa) mas não tinham condições de comprá-los, nem tampouco encontravam-nos tanto no Colégio quanto na Biblioteca Municipal da sede do município. Assim, nesses primeiros três anos de funcionamento formal e informal desta biblioteca, além da aprovação no vestibular de 2003, na Universidade do Estado da Bahia-UNEB, de mais três jovens que seguiram o exemplo do anterior, tem-se a freqüência diária de cerca 30 usuários na sua maioria crianças, adolescentes, universitários e leitores em geral, não somente locais, mas de várias cidades próximas. Dessas cidades, inclusive de Salvador (Universidade do Estado da Bahia-UNEB e Universidade Federal da

Bahia-UFBa), vêm universitários que não encontrando o livro indicado nas bibliotecas dos seus respectivos departamentos, encontraram-no neste acervo. Espero que a minha pequena utopia seja um dia olhada com *bons olhos* da maioria absolutas dessas pessoas que freqüentam, endossa e considerem que nesta iniciativa incorpora a feliz definição de Monteiro Lobato feita alguns decênios antes de 1950 — e que atualmente voltou a se repetir na mídia de um modo geral — de que *uma Nação é feita com homens e livros*.